

Enron - Escândalo chega ao Brasil

Investigações sobre a maquiagem contábil e a falência da sétima maior empresa norte-americana incluem devassa nos negócios da empresa na América do Sul. Só no mercado brasileiro, a companhia chegou a ter US\$ 4 bilhões em ativos

Vicente Nunes
Correspondente

Nova York — A maior falência da história dos Estados Unidos, decretada em dezembro pela Enron, uma gigante do setor de energia, não só está fazendo estragos na Casa Branca e no mercado acionário dos Estados Unidos, como promete desembarcar em breve no Brasil. O Congresso norte-americano, que criou oito comissões para investigar a quebra da empresa e seus estreitos laços com o presidente George W. Bush, determinou uma ampla devassa nos negócios da Enron na América do Sul. Mais precisamente no Brasil — onde a empresa chegou a ter ativos de US\$ 4 bilhões — e na Argentina, dois dos braços mais importantes da companhia fora dos Estados Unidos.

Pat Sullivan/AP



A luxuosa sede da empresa em Houston, Texas, foi ocupada por agentes do FBI para impedir o sumiço de evidências de fraude

Os parlamentares anunciaram, ainda, que um brasileiro está na lista principal dos responsáveis pela falência da Enron, cujos prejuízos impostos aos investidores e a seus funcionários foi de pelo menos US\$ 60 bilhões: o executivo Paulo Ferraz Pereira. Ele ocupou, no ano de 1999, o Comitê de Auditoria da companhia, responsável por fiscalizar todas as suas atividades e conferir se os resultados apresentados em balanço eram realmente reais. Na época, Ferraz respondia pela vice-presidência do Banco Bozano Simonsen, vendido posteriormente para o espanhol Santander. O Bozano foi o principal consultor da Enron no Brasil e estruturou parte das compras que a companhia norte-americana fez nos mercados de gás e de energia elétrica do país, muitas por meio do programa de privatização.

Shawn Baldwin/AP



Castaneda: destruição de papéis começou no final de novembro

Promessa vazia

Outro ponto que está despertando a atenção dos congressistas norte-americanos é o rápido crescimento do patrimônio dos principais executivos da Enron na América do Sul. Entre eles, Jim Bannantine, vice-presidente, e Diomedes Christodoulou, co-presidente na região. Os parlamentares têm uma lista de pelo menos 29 dirigentes da Enron que teriam ganho US\$ 1,1 bilhão no mercado acionário do início de 1999 até a metade de 2001, quando começou a derrocada da empresa. Todos são acusados de usar informações privilegiadas para obter os ganhos.

A má-fé desses executivos ficou clara na última sexta-feira, quando o Congresso foi informado de que o diretor-executivo da Enron, Kenneth Lay, aconselhou os empregados da companhia, por meio de uma conversa pela Internet, a comprarem ações da empresa. Isso, apesar de ele ter sido alertado, um mês antes, pelo vice-presidente, Sheron Watkins, que a empresa estava quebrada. Lay chegou a prometer que, nos próximos dez anos, os papéis da

Enron se valorizariam em pelo menos 800%. Ontem, cada ação da Enron valia US\$ 0,34, depois de ter atingindo a marca de US\$ 90,37 em outubro de 2000. Por ter informações privilegiadas e vender suas ações antes da falência da Enron, Lay chegou a embolsar US\$ 101,3 milhões.

O escândalo provocado pela quebra da Enron vai muito além. Durante as investigações, o Congresso dos Estados Unidos descobriu que, durante vários anos, a empresa manipulou seus resultados de forma a aumentar os preços de suas ações nas bolsas de valores. A Enron, com o suporte da Arthur Andersen, uma das maiores empresas de auditoria do mundo, criou lucros fictícios ao supervalorizar seus ativos, sobretudo os adquiridos fora dos Estados Unidos. Ficou claro aos parlamentares que a Andersen fabricava os números da Enron sobre os quais ela mesmo fazia auditoria depois, num tremendo conflito de interesse. E mais: nos últimos anos, ex-diretores da empresa de auditoria se transformaram nos principais executivos da área financeira da Enron.

Quando as irregularidades cometidas na Enron começaram a ser tornar públicas, um dos auditores da Arthur Andersen, David Duncan, destruiu toneladas de papel da companhia que poderiam ser usadas como provas. A tarefa, que teve o apoio do alto comando da Enron, foi presenciada por Maureen Castaneda, diretora da empresa, que denunciou o ocorrido. Para evitar que novos documentos tivessem o mesmo destino, desde a segunda-feira à noite o FBI, a polícia federal dos EUA, ocupou o prédio da Enron na cidade de Houston, no Texas. Ontem, David Duncan avisou que não irá depor hoje na Comissão de Energia e Comércio da Câmara dos Deputados, se não lhe for dado o direito à imunidade.

O envolvimento da Arthur Andersen no escândalo na Enron acabou batendo no Senado. Ex-presidente da Securities and Exchange Commission (SEC), órgão responsável pela fiscalização e regulação do mercado de capitais, Arthur Levitt, disse, há dois dias, que pelo menos 11 senadores — cujos nomes mantém em sigilo — lhe ameaçaram por telefone dois anos atrás, diante de sua insistência em separar as atividades de consultoria das empresas de auditoria. As cinco maiores empresas do setor — Arthur Andersen (que tem muitos clientes no Brasil), a Ernst & Young, a PricewaterhouseCooper, a KPMG e a Deloitte & Touche — invadiram o Senado em busca de apoio e conseguiram derrubar o projeto. As Cinco Irmãs, como são conhecidas, figuraram na lista dos 20 maiores doadores de recursos para a campanha de Bush à Casa Branca, além de vários outros políticos republicanos.

Entenda o caso

Os problemas da empresa

A Enron transformou-se na sétima maior companhia dos Estados Unidos apenas comprando eletricidade dos produtores para revendê-la aos consumidores. No entanto, a empresa usava suas parcerias no exterior para mascarar os problemas financeiros e continuar recebendo dinheiro e crédito. Além disso, a Enron reconheceu ter supervalorizado seus lucros de forma maciça e a Dynegy, sua principal concorrente, voltou atrás em um acordo de fusão de US\$ 8,4 bilhões. Sua falência, a maior na história dos Estados Unidos, foi pedida no dia 2 de dezembro.

Quem participa das investigações

O Departamento de Justiça, oito comissões do Congresso, além do Departamento do Trabalho e o FBI (polícia federal norte-americana)

O que está sendo investigado

Se os executivos da Enron enganaram os investidores ao supervalorizar os ativos da empresa e minimizar as dívidas por meio de contabilidade fictícia em relação às parcerias no exterior. Os investigadores também querem saber se a empresa de contabilidade Arthur Andersen, responsável pela análise das transações financeiras da Enron, sabia sobre tais parcerias. O Departamento do Trabalho está examinando a maneira com que a empresa lidou com os planos de pensão dos funcionários.

O que o governo Bush sabia

O diretor-executivo da Enron, Kenneth L. Lay alertou os secretários de Comércio, Donald L. Evans, e do Tesouro, Paul H. O'Neil sobre os problemas financeiros da empresa meses antes da falência. Lay também buscou ajuda para evitar a queda vertiginosa da avaliação de risco da Enron. Peter Fisher, subsecretário do Tesouro para finanças domésticas, teve pelo menos seis encontros com o presidente da Enron, Lawrence Whalley, e pelo menos um deles foi sobre avaliação de risco.

As implicações políticas

Legisladores democratas afirmam que o governo deveria ter tomado providências para proteger os interesses dos acionistas e funcionários da Enron. Além disso, funcionários do governo terão de explicar qual o poder de influência dos executivos da Enron nas decisões do governo, depois de terem contribuído com mais de US\$ 500 mil para várias campanhas eleitorais de George W. Bush. O presidente norte-americano, assim como seu vice, Dick Cheney, já comandaram empresas do setor de produção de energia. O vice foi o responsável pelo pacote de energia proposto pelo governo Bush, que favorecia a Enron em alguns pontos. Executivos da empresa teriam se encontrado com Cheney várias vezes durante a elaboração do plano de energia. Além disso, Bush tem laços políticos e pessoais com a Enron.

Aposta na crise

Oswaldo Buarim Jr.
Da equipe do Correio

Desde o início da abertura dos mercados de eletricidade e petróleo no Brasil, há cerca de cinco anos, a Enron participou ativamente de aquisições de empresas estatais, como a Companhia Estadual de Gás (CEG) do Rio de Janeiro e a Elektro, distribuidora de energia em São Paulo. Mas foi na geração de energia a partir do gás natural que a empresa concentrou seus negócios. Com presença minoritária no gasoduto Brasil-Bolívia, construído pela Petrobras em parcerias com a iniciativa privada, a Enron enfrentou a estatal brasileira de petróleo em uma pesada guerra de bastidores para ganhar espaço comercial no Sudeste.

Com diversas empresas estaduais de distribuição sob sua influência — comprou participações em sete companhias —, a Enron pressionou politicamente para evitar que a Petrobras adotasse no país um preço médio entre o custo do gás boliviano e o do gás brasileiro, produzido na bacia de Campos, no Rio. Como o gás brasileiro é mais barato, o preço final da Petrobras ficava menor que o de qualquer concorrente que cobrasse o preço cheio do gás boliviano. A Enron é dona de reservas de gás na Bolívia.

Seguindo uma estratégia agressiva de negócios, a Enron apostou na crise energética desde 2000 e, no ano passado, concluiu a construção de uma usina termelétrica no Rio. Com 380 megawatts de potência, a Eletrobolt vende energia no mercado atacadista, onde os preços chegaram a quintuplicar no início do racionamento, em junho do ano passado. Para ganhar dinheiro na crise, a Enron atua como intermediária no mercado de certificados de racionamento, pelos quais empresas vendem excedentes de energia a companhias que ultrapassaram suas metas de economia.

Patrimônio no país

Elektro — empresa distribuidora de energia no estado de São Paulo

Gaspart — participação em sete companhias distribuidoras estaduais de gás natural

CEG — companhia de distribuição de gás natural no estado do Rio de Janeiro

UTE Cuiabá — usina termelétrica a gás natural de 480 megawatts de potência em Cuiabá (MT)

Gasoduto Brasil-Bolívia — participação acionária minoritária no gasoduto que transporta gás natural da Bolívia para o Sudeste e o Sul do Brasil

Eletrobolt — usina termelétrica a gás natural de 380 megawatts de potência no Rio de Janeiro

Enron Comercializadora de Energia (ECE) — empresa de compra e venda de eletricidade no mercado atacadista de energia

Ligações com a Casa Branca

A Enron e seu diretor-executivo, Kenneth Lay, doaram meio milhão de dólares para as campanhas de George W. Bush. Os laços do presidente com a empresa deixam o governo em situação embaraçosa num ano eleitoral

Da Redação
Com Washington Post

Com todos os elementos para se tornar o escândalo financeiro e político da temporada, o caso Enron tem respingado cada dia mais na Casa Branca. A Enron e seu diretor-executivo, Kenneth Lay, foram um dos principais doadores de campanha do presidente George W. Bush e vários executivos da empresa se encontraram com o vice-presidente Dick Cheney e outros funcionários da casa Branca durante a elaboração da nova política de energia do governo, anunciada no ano passado. Por enquanto, são apenas suspeitas de que algo a mais além de jogo de influência possa ter acontecido. Especula-se que Kenneth Lay tenha pedido ajuda federal para escapar da falência e não teve sucesso — o que serve de ótimo álibi para a Casa Branca. Mas os analistas políticos norte-americanos destacam que na atual conjuntura pouco importa se a administração Bush é culpada de algum delito ou não: haverá eleições para o Congresso este ano e os democratas encontraram a desculpa perfeita para atacar o governo republicano de Bush sem interferir na luta contra o terrorismo. Hoje, terão início no Congresso uma nova série de audiências em várias comissões parlamentares para analisar o caso — um processo que deve levar meses. Politicamente, a Casa Branca terá que explicar qual o poder de influência que os executivos da Enron tiveram sobre políticas do governo, depois de terem contribuído desde 1993 com mais de US\$ 500 mil em várias campanhas eleitorais de George W, Bush, tanto para governador do Texas quanto para a Presidência — quando ele usava os jatinhos da empresa para se locomover.

Encontro suspeito

Além disso, a administração Bush tem que responder sobre os seis encontros que o vice-presidente Dick Cheney — formulador da política de energia — e seus funcionários tiveram com representantes da Enron no ano passado. Tanto o vice-presidente Dick Cheney quanto Bush já comandaram empresas no setor de energia e têm ligações políticas e pessoais com a Enron. Pelo menos 30 funcionários da atual administração tinham ações da empresa, que foram obrigados a vender ao assumirem seus cargos no governo. E existem as telefonemas que Kenneth Lay fez aos secretários do Tesouro, Paul O'Neill, e do Comércio, Donald Evans, quando a companhia estava indo ao colapso.

Ao falar na quarta-feira pela primeira vez sobre o caso, o presidente Bush disse que a Casa Branca lidou com o caso de maneira apropriada e tentou colocar sua própria família como vítima da falência. Sua sogra, Jenna Welch, disse ele, perdeu mais de US\$ 8 mil dólares com o colapso da empresa. Ontem, afirmou que os telefonemas aos secretários de Comércio e do Tesouro não foram mais que “contatos” e lembrou que o governo não deu à Enron a ajuda pedida. Funcionários da Casa Branca tem repetido, além disso, que “o governo está liderando as investigações e não sendo resistente a elas”.

Para deleite dos democratas, opositores de Bush, as investigações devem demorar meses e trarão à tona um grande ponto fraco dos republicanos: a percepção, por parte dos eleitores, de que a atual administração dá acesso especial e auxílio aos ricos e às grandes corporações. “Quando se tem George Bush, Enron, falência, Texas e contribuições de campanha, todos juntos, você têm um enorme problema para o atual governo”, disse Jennifer Palmieri, porta-voz do Partido Democrata.

Eric Draper/AP
11.11.00



O presidente Bush e o vice Cheney, durante a campanha presidencial: fortes relações com a Enron

O ENVOLVIMENTO DE CADA UM

George W. Bush

Amigo de longa data de Kenneth L. Lay, diretor-executivo da Enron, a quem apelidou de “Kenny Boy”. Lay é o maior contribuinte individual às campanhas eleitorais de Bush. O presidente disse que se encontrou com Lay duas vezes no ano passado, mas que não discutiram os problemas financeiros da empresa.

Dick Cheney

Funcionários da Enron se encontraram com o vice-presidente Dick Cheney, ou sua comissão para assuntos energéticos, pelo menos seis vezes antes do lançamento do plano energético do governo, no ano passado.

Karl Rowe

Principal conselheiro político de Bush, Rowe tinha mais de US\$ 100 mil em ações da Enron antes de Bush assumir o cargo. Vendeu suas ações ao assumir o cargo no governo, de acordo com regras éticas federais.

John D. Ashcroft

O secretário de Justiça se recusou a realizar uma investigação criminal sobre a conduta da Enron porque a empresa contribuiu para sua fracassada campanha ao Senado em 2000. Seu comitê político recebeu US\$ 57.499 de executivos da Enron nas últimas eleições.

Lawrence B. Lindsey

Chefe do Conselho Econômico Nacional, Lindsey recebia US\$ 100 mil como consultor da Enron. Da Casa Branca, ele designava equipes para monitorar o mercado energético. Disse que a situação da Enron nunca afetou o mercado o suficiente para justificar uma resposta por parte do governo

Spencer Abraham

Quando era senador, Abraham recebeu contribuições de campanha da Enron. Como secretário de Energia, chamou Kenneth Lay para discutir os problemas financeiros da empresa e seus efeitos no mercado energético.

Thomas E. White

Antes de ser nomeado por Bush como secretário do Exército, em abril, White foi um alto executivo da Enron por mais de uma década. Tinha mais de US\$ 25 milhões de ações da empresa, que vendeu antes de assumir o cargo no Exército.

Harvey L. Pitt

Era o advogado particular de cinco das maiores firmas de contabilidade — entre elas, a auditora da Enron, Arthur Andersen —, antes de Bush nomeá-lo como chefe da Comissão de Seguros e Câmbio, em agosto.

Patrick H. Wood III

Quando era governador do Texas, Bush indicou Wood para presidir a Comissão de Utilidade Pública do Estado, indicação recomendada por Kenneth Lay. Mais tarde, nomeou Wood para presidente da Comissão Reguladora de Energia Federal, também sob recomendação de Lay. Wood apoiou a imposição, no ano passado, de restrições ao preço da eletricidade na Califórnia, às quais a Enron se opôs.